

**Apontamentos da Escola de Comunidade com Julián Carrón
Milão, 9 de Novembro de 2011**

Texto de referência: O Sentido Religioso, capítulo XI, Lisboa, Verbo, 2000, p. 153-164.

- *Il viaggio*
- *Ojos de cielo*

Isto que cantámos é o que era preciso aprender esta noite. «Tu ouvias todos falar e depois falaste-nos de ti, daquele mundo distante, distante, mas verdadeiro. Depois caí na ratoeira do ódio e do poder», e faz-se à estrada: «O sol da manhã encontrou-me pela estrada perseguindo o tempo que tinha perdido. Atravessei os montes, atravessei o mar e agora quero continuar contigo a minha viagem. Eu te procuro em todas as casas, a todos falo de ti e aquele mundo distante, distante, é agora [agora!] cada vez mais verdadeiro!». A questão é esta: se ao longo do caminho o mundo é sempre menos verdadeiro ou a realidade, o caminho, o torna vada vez mais verdadeiro.

Estive no funeral do Giovanni, o jovem universitário que morreu na sexta-feira num acidente de carro, aqui em Milão; estudava veterinária. Todas as vezes que celebro ou participo num funeral dum jovem comove-me pensar nos pais, que podem recordar os momentos passados com os seus filhos; e digo para mim: que provação, que dor! Como é que uma pessoa consegue suportar uma coisa assim, e não ficar doida? E a única coisa que eu dizia é: Senhor, abraça-os, só a certeza em Ti os pode apoiar. Depois a mãe falou do teu telefonema, em que lhe dizias ter a certeza que o bem de que ele agora é sinal é muito maior que o bem que ela lhe poderia ter oferecido como mãe. Pensei: é mesmo assim. Mas, lendo o décimo e sobretudo o décimo primeiro capítulo d'O Sentido Religioso, don Giussani diz que a mera exigência do coração é em si mesma prova do facto de haver uma resposta. E assim eu pensava naquela mãe; o facto de ter tido o filho durante vinte e dois anos e o facto de ter a exigência e o desejo de que o seu filho esteja vivo é já prova de que a resposta existe. Mas eu pergunto: é possível a um ser humano – um pai, uma mãe – suportar isto sem Cristo? É possível que a razão possa titanicamente afirmar isto sem Ele, sem sermos abraçados?

Essa é uma pergunta decisiva, e vocês enviaram cartas sobre isto, porque todos sentimos a urgência de uma pergunta assim. A mera razão poderá sustentar-nos diante das contradições da vida? Essa é uma pergunta que devemos manter aberta, e espero que no fim da Escola de Comunidade, com o percurso que vamos fazer, consigamos responder. Todos – ou pelo menos muitos – ficaram impressionados com a Escola de Comunidade passada, quando fiz uma afirmação decidida: «Isto não é um problema de fé, é um problema de razão».

Da última vez disseste, no fim: «Tudo o que existe, na medida em que aconteceu, na medida em que o Mistério permitiu que acontecesse – porque tudo tem origem naquele Tu –, pelo facto de ter acontecido, é uma provocação à nossa vida, ou seja, um convite à mudança, é oportunidade para dar um passo rumo ao destino, é para nós, é via, é instrumento do nosso caminho, é sinal, digamolo: a realidade é sinal. É esta a natureza última da realidade, e o que a crise põe diante de todos é este desafio, a nós e aos outros, porque o desafio é para todos». E depois na sexta-feira, em Assago, disseste: «A positividade revela-se apenas a quem aceita este desafio». A mim estas linhas abriram-me um mundo que eu antes não via assim e que agora começo a ver. Que a positividade da realidade não coincide com o que é agradável ou desejável, eu isso tinha presente; mas tu agora estás a levar-nos para uma coisa nova para mim, nova. Tenho muitos exemplos; o último que queria contar refere-se ao encontro com uma rapariga que um amigo me apontou porque ficou sem emprego, uma rapariga acabada de formar que me diz que chumbou no quarto ano do secundário

(equivalente ao 13º ano, nt). Eu largo uma frase de circunstância: «Bem, olha, não é dos problemas piores da vida». E ela diz-me: «Não, eu fui salva pelo chumbo!». Dei um salto na cadeira, porque chumbar, para um jovem das escolas secundárias (estás no quarto ano, tens de voltar para lá, os colegas seguem adiante), é um contratempo, uma circunstância desagradável – com certeza não dramática como a que acabámos de ouvir descrever, mas em todo o caso indesejável –; e ela diz-me, calmamente, que foi o que a salvou. Não queria voltar para aquela escola, mas voltou por insistência da mãe, e lá conheceu novos colegas, um ambiente que a faz abrir-se de par em par. E depois disse-me: «Eu, antes de chumbar, estava desocupada com a vida, e a partir daquele momento todas as circunstâncias com que me deparei dali em diante [dali em diante], boas ou más, não fizeram outra coisa senão abrir-me, aumentar a minha vivacidade». E é aqui que se põe a questão: o que é que é positivo? E isto é objectivo: não uma coisa necessariamente agradável, mas algo que me faz conhecer cada vez melhor alguma coisa de mim e do Mistério, da finalidade para a qual existo.

Depois voltaremos a isso.

A mim aconteceu-me este episódio. Há um mês vieram alguns amigos da Romanha jantar em minha casa com outras famílias. Entre estes encontram-se os pais da criança de que falava a Tracce de Outubro: não devia sequer ter nascido por causa duma grave malformação; não só nasceu, tem quase cinco meses. Há uns dias, uma amiga que tinha vindo a nossa casa manda-me uma mensagem e conta-me o que lhe tinha acontecido na véspera, que um casal de amigos dela lhes tinham telefonado, a ela e ao marido, urgentemente, parecia ser uma coisa gravíssima; em resumo, o mundo tinha desabado porque estavam à espera do quarto filho: problemas económicos, a idade, dificuldades. Esta amiga escreve-me e diz: «Tive de optar; podia fazer o discurso correcto do costume sobre como enfrentar isto, mas em vez disso optei por lhe contar o embate que tinha sentido ao conhecer aqueles pais, e convidei-os a ler o artigo da Tracce. Uns dias mais tarde estes amigos telefonam-me outra vez, vou ter com eles e descubro que estavam completamente diferentes do que estavam há três dias, tinham uma brecha que três dias antes não tinham, tinha-se aberto uma brecha no seu modo habitual de encarar a realidade (e também esta nova gravidez)». Perguntei-me: o que é que quer dizer que esta doença, este drama destes dois pais em relação ao diagnóstico do filho é positiva? Porque introduziram um desafio, uma novidade em mim e nos amigos deles que chegou como um passa-palavra, como novidade de um olhar diferente para a realidade, até estes dois que nem conheço, nem sei quem são, se são cristãos ou não.

Em que é que consiste a novidade deste olhar?

A novidade deste olhar é, como ela me contou, que se tinha introduzido neles uma possibilidade que antes nem sequer sonhavam, e é que este novo bebé fosse uma dádiva para eles. Foi isto que ela leu no olhar deles três dias depois, enquanto três dias antes apenas lia o sufoco, só uma definição reduzida da realidade, incluindo aquele bebé.

Obrigado.

A mim impressionou-me muito quando tu, no encontro de 6ª-feira em Assago, até de maneira muito impetuosa, afirmaste muitas vezes que a realidade é positiva porque existe, na sequência do que diz o capítulo décimo de O Sentido Religioso: «O primeiríssimo sentimento do homem é o de estar diante de uma realidade que não é sua, que existe independentemente dele e da qual ele depende.» Ao ler o décimo primeiro capítulo, senti-o muito correspondente à minha experiência porque os dias estão cheios daquelas exigências ali descritas; mas também percebo que eu muitas vezes, em nome da exigência que aflora em mim, não considero o dado da realidade. Por exemplo, em nome da exigência de justiça “mato” quem me faz uma injustiça, enquanto que tu não te afastas no percurso do primeiro ponto, ou seja, do primeiro parágrafo do capítulo décimo que descreve o dado objectivo da realidade. E portanto surge-me a pergunta: porque é que eu, pelo contrário, me afasto?

Queria muito ouvir estes testemunhos porque agora podemos perceber o que é que está em causa. Leio esta carta porque resume os elementos que vieram ao de cima: «Caro Julian, escrevo-te porque há algum tempo que estás a gritar em voz alta – e fizeste-o também no encontro de 6^a feira sobre a crise [no Fórum de Assago, e não apenas aqui no nosso pátio!] – que a realidade é positiva porque existe. Em relação a toda esta insistência nasceu em mim uma pergunta: eu dou-me conta, pela minha própria experiência, que só do encontro me vem um olhar assim sobre a realidade (o começar a percebê-la como uma coisa positiva). Só desde que encontrei Cristo é que comecei a perceber isto, porque antes para mim a realidade era sempre uma gaiola, desde o estudo, aos problemas de família, só no momento em que encontrei Aquilo que corresponde verdadeiramente ao meu coração, me comecei a colocar de maneira diferente em relação ao que tinha diante. Portanto, em síntese, percebo que o ponto da questão é Cristo, não é a realidade. Tu disseste-nos que nós podemos desafiar todos sobre este ponto, sobre este uso alargado da razão, sobre o facto de que a realidade é positiva porque existe. Então pergunto-te: como é que isto é possível? Como é possível que eu diga a um amigo meu que sofre que a realidade é uma ocasião sem que ele tenha conhecido Jesus? Será que uma pessoa pode chegar a olhar a realidade como a descreve Giussani em *O Sentido Religioso* sem ter encontrado Jesus? Talvez não tenha percebido aquilo que andas a dizer neste último período. Por isso desejo que tu me ajudes a clarificar isto.» Enfim, parece que tudo se resolveria dizendo “Jesus”. Mas olhem o que diz imediatamente a seguir, como se não tivesse nada a ver com aquilo que acabou de escrever: «Mas queria dizer-te uma coisa. Eu não consigo não sentir o tédio que provoca em mim a afirmação “a realidade é positiva”. Isto acontece pelo influxo do poder pelo qual eu sou sempre tentado a reduzir a palavra ‘positiva’ a ‘desejável’ ou ‘agradável’, como nos disseste tu; e no entanto, mesmo eu não seria capaz de gritar isto como tu o fazes [podemos dizê-lo entre nós, no nosso pátio, no nosso oratório, mas gritá-lo a todos não!] porque rompe completamente as medidas, a minha medida [não o pode dizer porque rompe totalmente a sua medida]. Ainda penso que a positividade da realidade depende do facto das circunstâncias serem boas ou más [como todos, e então perguntamos: para que é que serve Cristo?]. Não consigo atirar completamente para trás das costas este pensamento que re-emerge cada vez que oiço dizer que a “realidade é positiva”». Esta é uma fotografia do nosso problema! Sem a fé não posso dizer que «A realidade é positiva», mas uma vez que tenho fé, basta dizer «Cristo»?! Mas para nós, o que significa dizer: «Cristo»? O que é Cristo? Uma consolação? É só um tranquilizante? Olhem só que fratura entre a escola de comunidade e a vida, entre aquilo que dizemos aqui e aquilo que podemos dizer na praça pública. Então começemos a trazer ao de cima o que ainda não percebemos – não importa, perceberemos, não se preocupem – do que foi dito a 26 de Janeiro: o que é a fé, ou seja, o que é o encontro com Cristo, para re-despertar todas as exigências do homem. Vejamos que existe uma modalidade de viver e de conceber a relação entre Cristo e a razão como sendo justapostas. E como é que se vê que são justapostas? No facto de que dizer «Cristo» não coincide com um uso da razão que me permita dizer que a realidade é positiva («sinto todo o tédio diante desta afirmação»!). Mas muitos pensam que é porque não dizem «Cristo», e assim fotografou a questão. Tantas vezes me reprovaram o facto de eu falar sobre a razão e não sobre Cristo – este amigo não está a falar de Cristo – ou que eu falava do coração e não de Cristo – este amigo está a falar de Cristo -; mas há uma modalidade de falar de Cristo que é perfeitamente inútil para vida! Não é que não se fale de Cristo, mas Cristo é afirmado sem que qualquer coisa aconteça no sujeito, na sua relação com a realidade. Atenção: aqui não estamos a afirmar que se pode viver a realidade sem Cristo – não faltava mais nada! -; o problema é que é que entendemos por fé, porque vemos que há uma modalidade de dizer «Cristo» que é perfeitamente inútil, porque não consegue arrancar o tédio e, como ele diz, «não consegue romper totalmente a minha medida». E o que é a minha medida senão a razão como medida? E a que é que leva viver a razão só como medida? Ao facto que eu vivo e me relaciono com a realidade como todos, e não consigo conceber que a positividade do real não possa depender do facto de as circunstâncias serem boas ou más: «Não consigo atirar completamente para trás das costas este pensamento que re-emerge cada vez que oiço dizer que a “realidade é positiva”». Ou seja, há uma modalidade de falar da fé, há uma modalidade de falar de Cristo, que

não é capaz de alargar a razão e portanto, tudo depende de se a realidade coincide ou não com a minha medida. Quando a realidade vai além da minha medida, quando o desafio da realidade ultrapassa a minha medida, é má. Nós sabemos qual é a verdadeira natureza da razão, aprendemo-lo desde sempre em *O Sentido Religioso*: esta abertura à totalidade, que todo o capítulo décimo e o décimo primeiro ainda mais nos documentam, quando fala do positivismo, do sinal, das exigências. Mas esta abertura, como vemos, não se aguenta e fecha-se. Aquele ímpeto com o qual uma pessoa nasce desde o seio de sua mãe, aquela curiosidade infinita da criança desvanece-se. Por isso, no dia 26 de Janeiro, dissemos que só Cristo pode revelar o sentido religioso, educá-lo e salvá-lo e que, sem isto, sem que Cristo o revele, o eduque e o salve, o nosso sentido religioso (ou seja, a nossa razão, a nossa liberdade, a nossa afeição) desvanece. Então, dissemos que Cristo é O único que pode salvar o sentido religioso porque só Ele volta a escancarar o eu, toda a exigência do eu. Então, como sabemos que Cristo está? Sabemos que Cristo está, não porque dizemos «Cristo», como tantas vezes fazemos, só de nome, e depois não se vê, não se é capaz de reconhecê-Lo. Sabemos que Cristo está, que está a operar no meio de nós, porque é capaz de despertar o sentido religioso, ou seja, a razão, a liberdade e a afeição. E, por isso, o sentido religioso é a verificação da fé, do encontro feito; porque há uma modalidade de falar do cristianismo em que, no fundo, não acontece nada. É de tal modo verdade que não é capaz de tocar, um instante sequer, a razão ou a afeição. Por isso, não percebemos quando dizemos - não é mais um slogan, por favor! – que o cristianismo é um acontecimento. Porque a pergunta é: o que acontece no eu com o cristianismo? Acontece algo útil para a vida, para a relação com o real ou não acontece nada? Ou o que acontece é apenas um sentimentalismo superficial que nos deixa, no instante seguinte, na medida de sempre? Cristo é verdadeiramente capaz de despertar o humano? E o que é o humano? Os cabelos? Ficas com os cabelos em pé? Ou é a razão, a liberdade e a afeição? Então, não estamos a falar da razão fora do acontecimento cristão mas sim a verificar se o acontecimento cristão é capaz de fazer usar a razão assim, de despertar a razão assim. Por isso mesmo, continuo a dizer que é um problema da razão. Não que a razão possa ser uma verdadeira razão sem o Acontecimento, mas porque é este que salva a razão! E por isso, no início de ano, respondendo à pergunta: «Donde nasce e como se realiza uma razão assim?» (estava tudo aqui), eu dizia: «Uma razão capaz de reconhecer o real em toda a sua profundidade nasce e realiza-se no acontecimento cristão [estou a falar sem Cristo?]. É em virtude do acontecimento cristão que a razão cumpre a sua natureza de abertura diante da revelação de Deus. Percebe-se porque razão *don* Giussani disse que “o problema da inteligência está implícito” no episódio de João e André [...]. Por este motivo, no passado dia 26 de Janeiro [...] começámos recordando que “o coração da nossa proposta é [...] o anúncio de um acontecimento realizado, que surpreende os homens do mesmo modo como, há dois mil anos, o anúncio dos anjos, em Belém, surpreendeu os pastores. Um acontecimento que se dá, antes de qualquer consideração sobre o homem religioso ou não religioso”». E como sei que isto aconteceu? Onde se vê? Ou é apenas uma afirmação à toa? É apenas um dizer por dizer? Se dizemos que o cristianismo é um acontecimento, em que coisa posso reconhecer que acontece? Porque eu não estou a falar de um pensamento, não estou a falar de um sentimento, não estou a falar de um estado de espírito: estou a falar de um acontecimento! E perguntava: em que coisa se vê que entrou na nossa vida? E citava, ainda, *don* Giussani: «Pelo facto de “este acontecimento - diz *don* Giussani – ressuscitar ou potenciar o sentido elementar de dependência e o núcleo de evidências originárias às quais damos o nome de sentido religioso”. [...] Este é o motivo pelo qual o acontecimento cristão torna homem o homem, ou seja, mais capaz de viver segundo as suas evidências originárias, mais capaz de ser atingido pelo real, de viver a realidade segundo a sua verdade, pelo facto de ser capaz de usar a razão segundo a sua verdadeira natureza de abertura à totalidade da realidade. Só uma “razão aberta à linguagem do ser” [...], como disse há pouco tempo o Papa na Alemanha, pode alcançar o real». Então, se para nós dizer «fé», dizer «acontecimento cristão», não significa um uso novo da razão, o que quer dizer? Não somos visionários porque, finalmente, podemos usar a razão segundo a sua natureza. Se o nosso cristianismo, como dizia *don* Giussani, é um cristianismo sem sentido religioso (como pode acontecer), isto é, sem escancarar a razão, damos por nós a afirmar Cristo nas nossas práticas de

piedade mas continuando a ser racionalistas na vida. Ou seja, permanece intacta a fractura entre saber e crer. Este não é um problema para os intelectuais, não! Porque quando a realidade me aparece de um certo modo eu não me aguento, não consigo continuar a dizer que a realidade é positiva. Porque só posso dizer que a realidade é positiva se o puder dizer racionalmente, de outro modo não poderei ver-me livre do pensamento de que, no fundo, estou apenas a tentar auto-convencer-me. E, se não temos coragem de dizer a nós mesmos que a realidade é positiva, imaginem se teremos coragem de abrir a boca para dizer a outro! Percebem que assim o nosso contributo como cristãos é perfeitamente inútil? Porque se continuamos a viver a realidade como todos, o que interessa aos outros o que fazemos ao domingo de manhã na missa ou às quartas-feiras à noite aqui? É perfeitamente inútil! Então percebe-se o que foi dito numa das intervenções desta noite: quando uma pessoa está diante de alguém que vive de um modo diferente e novo diante de um filho deficiente, abre-se uma brecha no olhar habitual, isto é, escancara-se a medida, abre-se uma possibilidade. O que significa abrir-se à possibilidade? O que nos ensinou *don* Giussani sobre a razão? Que consiste em salvar a categoria da possibilidade. Sem isto não existe a razão. Por que motivo dizia a rapariga: «ter reprovado, salvou-me»? Porque a escancarou, porque abriu novamente a janela do seu bunker, fechado no seu positivismo e na sua medida. Então, não é muito diferente o capítulo décimo, do décimo primeiro. Leio na página 155: «O sinal é, pois, uma experiência real que me remete para outro. O sinal é uma realidade cujo sentido é uma outra realidade». Realidade e realidade! Não é realidade e virtualidade mas sim realidade e realidade! Uma coisa virtual pode gerar uma coisa real? Não. Para explicar uma realidade é necessária outra realidade. Se *don* Giussani disse isto no início, imaginem o que diz sobre cada uma das exigências: cada exigência tem necessidade, por esta natureza de sinal, de encontrar uma outra realidade sem a qual não existiria, não se explicaria. Vejamos o exemplo da justiça. Há uns meses atrás, ao escrever o prefácio do livro *Experiência elementar e direito* de uns amigos juristas, veio parar-me às mãos a entrevista ao filósofo Paolo Rossi. Com tudo o que escreveu, a sua postura racionalista não conseguiu, de modo algum, encerrar a questão. Em quê? Dizia: «Não me interessa provar a existência de Deus. Porém, tenho esta pedra no sapato: não posso aceitar a ideia de que o carrasco e a vítima desapareçam juntos no nada». O que nos mostra isto? Que a exigência de justiça daquele professor é de uma tal natureza que ele não consegue resolver o problema. E isto não acontece só no início da vida ou no início da relação com a realidade porque, quanto mais alguém sente a exigência da vida, tanto mais aguda se torna a exigência. Por isso, a exigência é aquilo que impede - e assim respondo à última intervenção desta noite - de sair do real. Vejam o que diz *don* Giussani, numa frase, na página 158: «Sem a perspectiva de um além, a justiça é impossível». E, mais à frente, diz o mesmo sobre a felicidade: «Não seria racional e humano o modo de olhar para a experiência desta exigência [quid animo satis?], se não lêssemos nela a implícita referência a Outro». A mesma coisa em relação ao amor ou em relação ao verdadeiro, melhor, seria um assassinato do humano, seria um retirar-se da realidade se alguém renunciasse a isto. Porque, quanto mais uma pessoa avança, melhor vê que - diz a página 160 - «o mundo demonstra alguma coisa de Outro, demonstra “Deus” como um sinal, demonstra aquilo de que é sinal». Então, como avançar nesta estrada? Dissemos que sem aceitar o desafio do real este não se revela porque o significado, ou seja, a positividade da realidade, revela-se somente a quem, sustentado por um uso da razão assim, aceita o desafio do real. Mas, muitas vezes, antes que se revele, estamos já a milhas de distância porque não aceitamos a categoria da possibilidade, não aceitamos que exista no real uma promessa que se revela segundo um desígnio que não é o nosso. Vejam o que diz esta carta, respondendo positivamente ao desafio: «Caro amigo Julián, não posso e não quero continuar a fugir das tuas provocações e não posso e não quero continuar a fugir do desafio contínuo, insistente, mas tão cheio de caridade, que lanças sem parar, já há vários meses, ao meu coração. Por isso, sou impelida a dizer-te: sim, Cristo é o único que permite ao homem estar seguro diante dos embates da vida. O cristianismo é o acontecimento que me aconteceu a mim, para mim, que me fez descobrir e encontrar uma consistência humana [o despertar do humano é aquilo em que se demonstra que Cristo aconteceu] que eu nem sequer imaginava de que o meu coração e a minha razão fossem capazes [por isso, quando alguém fala de

uma determinada maneira da razão é porque não sabe o que é, nem que novidade acontece na razão quando aparece Cristo]. Cristo, o meu Cristo, é o único que pode sustentar a minha vida, qualquer que seja a aparência da realidade em que eu me embato. A mim aconteceu-me dar-me conta [porque não é um problema de demonstração: é um dar-se conta] de todo este espectáculo de humanidade passando exactamente através do drama da crise vivido na pele por problemas de trabalho. Não tenho nada a defender, pelo que não me envergonho em te dizer que tive um período no qual chegava a casa destruída depois de um dia de trabalho, porque o fio condutor parecia ter sido ditado só por pelo que é que seria de nós, e eu tinha medo. Sim, estava aterrada com a ideia de perder o trabalho, estava preocupada pelo meu futuro, pelo futuro da minha família, dos meus filhos, e descobri qual o sentido tremendo de angústia, que tipo de depressão se pode apoderar do nosso coração quando te perguntas: e agora o que é que eu faço? Porque é que sou tão impotente? É possível que não possa fazer nada [Não lhe é poupado nada, é tão humana a estrada, atravessando a escuridão, nada de visões, soluções mágicas: interessa-vos?]? Posta assim tanto neste aperto, porque como tu dizes, o Mistério não nos quis sequer poupar a crise, deixei-me ajudar só por uma coisa, pela minha pergunta [isto é da exigência], pela minha necessidade de uma resposta que me ajudasse a pôr os pés para fora da cama de manhã, sem me deixar levar pelo nó na garganta, mas procurando o sentido, uma resposta naquilo que tinha de enfrentar. Pois bem, este foi o ponto do meu renascimento humano, porque com um coração tão sedento escavei com as minhas mãos aquilo que parecia uma realidade cheia de lama, com a esperança de encontrar uma pepita de ouro. Procurando deste modo, pedindo assim, cheguei por graça a dar-me conta que a realidade me falava, que Cristo me estava a falar dentro da realidade, e comecei a seguir os sinais. Seguia e deixava-me conduzir; seguia e era levada nos braços e quanto mais seguia mais me tornava capaz de ler os sinais, de compreender a linguagem do ser. *Mama mia*, que impressão, que tremor quando me dei conta e que comoção agora em to dizer. Mas o belo, veio ainda depois. Todo este espanto não se desvaneceu, não se abateu, [um instante depois o sentimento passou], mas colou-se no meu coração quando compreendi, percebi, ouvindo na Jornada de Início de Ano, que tudo isto se sustém só se o meu coração se enamora daquele Rosto que a minha razão tinha acabado de ser obrigada a reconhecer na realidade. Ali percebi que me estava a enamorar do Mistério. E, quando te enamoras, a única coisa que desejas é amar sempre mais, ir sempre ao fundo desta relação, estar o mais próximo possível, e que possa tornar-se para ti sempre mais familiar, íntimo e teu, e quererias estar sempre colado a Ele, sempre mais igual a Ele, e olhar tudo com os Seus olhos. Sabes o que me aconteceu? Que me olhei e encontrei em mim um desejo de amar, com uma intensidade totalmente excepcional para mim, e estou a insistir com os meus amigos nisto, e dou-me conta que não estamos habituados a olhar-nos assim, a amar-nos assim, com este respeito profundo pelo qual enquanto olhas um rosto de um amigo, olhas Cristo com o canto do olho. Mas quanto mais aprofundo nas relações mais me encontro livre e não pretendo mais nada dos outros porque estou de tal modo contente eu [apoiada num pleno: não pretendo nada porque estou de tal modo contente eu própria!], de amar assim, de querer bem assim. Pensa, toda esta revolução no meu coração partindo da crise. Sexta-feira passada, enquanto te ouvia no Fórum de Assago, estava de tal modo comovida porque me via descrita nas tuas palavras e tudo para mim se esclarecia, tudo encontrou a sua unidade na minha vida. Não é que exista o manifesto e depois a Escola de Comunidade, e depois a Jornada de Início de Ano; não, não, não, está tudo unido no meu coração porque se desvendou o Seu coração aos meus olhos, e agora não posso e não desejo outra coisa do que amá-l'O a Ele, o meu Cristo, e segui-l'O, e ver onde me leva, e o que me reservou. E que emoção infinita e cheia de respeito ao pronunciar agora o Seu nome... Obrigada Julián, obrigada, porque tomando-me assim pela mão levaste-me e continuas a levar, para dentro d'Aquele único que pode encher de alegria o meu coração “. Claro, parece-me.

A próxima Escola de Comunidade será quarta-feira dia **30 de Novembro**. Retomaremos o décimo segundo capítulo de *O Sentido Religioso* (A aventura da interpretação). Se no décimo primeiro nos detivemos sobre a razão (a parte final do capítulo é a descoberta da razão), ali entra em campo outro grande factor humano, a liberdade. Então a questão é surpreender em nós que experiência fazemos

da liberdade nestes quinze dias, assim como *don* Giussani a descreve, de modo que aquilo que nos aconteceu na vida é de tal modo real, foi de tal modo real, que nos consente ser livres.

Quem quiser enviar perguntas ou breves intervenções para o endereço sdccarron@comunioneliberazione.org.peço faça-o até ao Domingo precedente ao nosso encontro de Escola de Comunidade.

Temos o Volantone de Natal que leio; parece-me bastante pertinente. “A razão do homem [diz o Papa Carta Apostólica para o Ano da Fé] na traz inscrita em si mesma a exigência “daquilo que vale e permanece sempre”. Esta exigência constitui um convite permanente, inscrito indelevelmente no coração humano, para caminhar ao encontro d’Aquele que não teríamos procurado se Ele mesmo não tivesse já vindo ao nosso encontro. [nós não usaríamos a razão assim, não O desejaríamos, não nos meteremos a caminho se não nos tivesse já vindo ao encontro]. N’Ele encontra plena realização toda a ânsia e aspiração do coração humano. A alegria do amor, a resposta ao drama da tribulação e do sofrimento, a força do perdão face à ofensa recebida e a vitória da vida sobre o vazio da morte, tudo isto encontra plena realização no mistério da sua Encarnação. (Bento XVI, *Porta fidei* Carta Apostólica para o Ano da Fé).

Cristo não é “alguma coisa” de justaposto, mas “alguma coisa ‘dentro’”: dentro da sua alegria, dentro do seu cansaço, dentro da sua convivência ou da sua conveniência, dentro da sua repulsa ou dentro da sua simpatia. A consciência do Mistério presente torna a nossa vida um fluxo contínuo de novidade. Com o reconhecimento dessa dramática presença, com essa presença na qual habita corporalmente a divindade, “começa” algo de novo: hoje, às onze, à uma, às seis, às dez; amanhã, às três, às quatro. Em qualquer momento começa alguma coisa de novo. (Luigi Giussani)

Estará disponível na próxima semana.

Todos os anos repropomos dois gestos de caridade que são de grande alcance:

- a Jornada Nacional da “**Colletta Alimentare**” que será Sábado **26 Novembro**, organizada pelo Banco Alimentar;
- a “**Campagna Tende**” da Avsi, que este ano terá como título “Na raiz do desenvolvimento: O factor humano”, como sustento de projectos, sobretudo educativos, de ajuda no Quénia, Haiti, Egipto e Congo.

São muitas as pessoas que encontramos e que respondem espontaneamente à Campanha de Recolha do BA e também outras que se envolvem por um ímpeto de generosidade e gratuidade. Tornou-se uma caritativa nacional, quase o gesto de caritativa do povo italiano mas muitos têm este ímpeto mas não sabem a razão dele. Então, estando juntos no BA, ou durante os dias da Campanha das Tendas, podemos testemunhar a origem, a razão profunda deste gesto que nos educa à caridade muito mais do que mil discursos, para que as pessoas possam ter uma razão que torne este ímpeto de generosidade estável, para que o possam perceber. Entre vários, a situação de crise que a realidade nos põe diante torna ainda mais evidente a razoabilidade deste gesto, antes de mais para uma educação nossa: devendo pedir a quem encontramos que ajudem outros nas necessidades, possamos estar mais conscientes de tudo quanto recebemos; e depois possamos descobrir como este gesto pode educar um povo a alargar o horizonte à necessidade de todos.

Através deste gesto possamos também introduzir ao facto de que a necessidade que temos é de alguma coisa maior, e se nós participamos no BA e na Campanha das Tendas, não é para preencher o vazio com um gesto generoso que depois nos deixa mais cépticos do que antes, mas é por uma plenitude sobre a qual estamos apoiados e pela gratidão de ter encontrado a resposta a esta necessidade.

Deixar perder este momento educativo para as nossas comunidades seria verdadeira uma pena!

Veni Sancte Spiritus